



PENSANDO ÁFRICAS
E SUAS DIÁSPORAS
NEABI – UFOP

Pensando Áfricas e suas diásporas

www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/pensandoafricanas

NEABI – UFOP - Mariana/MG

Vol. 01 N. 01 – jan/jun 2015

Anais do III Seminário Pensando Áfricas e suas diásporas - parte 2

A criança negra e o preconceito na literatura infantil

Vera Regina Vargas Dupont*

Resumo: Este artigo pretende analisar como se dão as representações da criança negra nas obras ficcionais da literatura infantil, a partir de uma abordagem sociológica do texto literário, a fim de verificar como a criança negra se apresenta à criança leitora, pelas narrativas, de modo a constatar se há vestígios de preconceito racial e quais as dificuldades encontradas pelas crianças negras acerca dos estereótipos criados em torno do negro. É possível ver que a obra literária infantil possibilita a reflexão das ideologias metaforicamente representadas e levadas às crianças. Assim, através de uma pesquisa bibliográfica e analítica em alguns livros da literatura infantil brasileira, buscar-se-á observar como se apresentam as questões raciais, verificando os vestígios ideológicos em que se embasam. Para isto, tomar-se-á como objeto de estudo o livro *Manu das noites enluaradas*, da escritora Lia Zatz, bem como *Felicidade não tem cor*, e *O grande dilema de um pequeno Jesus*, ambos do autor Júlio Emílio Braz, dentre outros que serão citados no decorrer deste trabalho. Desta forma, será realizada a análise com o intuito de investigar como a literatura infantil brasileira aborda as questões de diferenças raciais, preconceito e racismo, tendo como embasamento teórico autores como Fúlvia Rosemberg, Florestan Fernandes e Rosângela Malachias.

Palavras-Chave: Literatura infanto-juvenil; Sociedade; Preconceito racial.

Abstract: This article intends to analyze how the representations of the black child in the fictional works of children's literature are presented, starting from a sociological approach of the literary text, in order to verify how the black child presents itself to the reading child, by the narratives, so to see if there are traces of racial prejudice and what difficulties black children face about the stereotypes created around the black people. It is possible to see that the children's literary work allows the reflection of ideologies metaphorically represented and taken to children. Thus, through a bibliographical and analytical research in some books of Brazilian children's literature, it will be sought to observe how racial issues arise, verifying the ideological traces on which they are based. For this, the book *Manu das noites enluaradas*, by the writer Lia Zatz, as well as *Felicidade não tem cor*, and *O grande dilema de um pequeno Jesus*, both by the author Júlio Emílio Braz, among others, will be taken as object of study. Other books will be cited in the course of this work. In this way, the analysis will be carried out in order to investigate how the Brazilian children's literature deals with the issues of racial differences, prejudice and racism, based on authors like Fúlvia Rosemberg, Florestan Fernandes and Rosângela Malachias.

Keywords: Children's literature; Society; Racial prejudice.

* UNIOESTE

O livro *Manu da noite enlunarada*, de Lia Zatz, traz a história de um menino no espaço escolar, que se vê constrangido diante de uma situação cotidiana escolar. Ainda, assiste uma situação de preconceito vivida por um colega e que também o aflige. O conceito de belo existente na turma em relação ao cabelo das pessoas aponta para uma circunstância em que o preconceito é visível.

O menino Manu gostava de desenhar e desenhava muito bem, de modo que seus colegas de sala deixavam um lugar especial para os seus desenhos. No entanto, quando a proposta da professora foi o desenho da família de cada um, ele ficou distraído. “Desenhava um pouco o papel e apagava.” (ZATZ, 2007). Ouviu, então, a briga de dois meninos. “Eu só falei que ele tinha feito a família dele de cabelo liso. E preto tem cabelo enrolado.” (ZATZ, 2007). Uma das meninas falou: “ (...) Só cabelo liso é bonito, ué! Cabelo de preto é feio! Ó só o que minha mãe faz comigo toda manhã – ela falou, apontando para o seu cabelo preso, bem esticado.” (ZATZ, 2007). A turma riu e o sinal bateu. Ocorre, então, uma negação da identidade negra, oriunda de uma cultura histórica de discriminação do negro e de suas características, como o cabelo. A discriminação, segundo Claudilene Maria Silva (2007), “ocorre por meio de mecanismos de inferiorização, exclusão estereotipada da população negra com base em características do fenótipo (cor da pele, formato do nariz, do cabelo, entre outras)”.

A professora garantiu que a conversa continuaria na próxima aula. Silva (2007) afirma que “(...) os avanços na área de educação e relações étnico-raciais caminham ainda de forma tímida”. O espaço escolar serve de reflexão para atitudes de racismo e preconceito.

Manu ficou intrigado e não conseguia dormir. Então, adormeceu embalado pela música cujo trecho dizia “fico branca como a neve”. Então, sonhou

(...) Era noite de lua cheia e ele estava tomando banho de lua. Quando viu, estava branco como a neve. E mais, de cabelo liso. Contente, foi acordar os pais. Eles levaram um baita susto e o pai perguntou:
- Quem é você? (ZATZ, 2007, p. 19).

Os pais não o reconheceram e o colocaram para fora de casa, imaginando ser algum menino da vizinhança que havia trocado de casa. Nesse momento, o menino acordou assustado e desenhou sua família:

No dia seguinte, pendurou orgulhoso seu desenho no varal. Toda a sua família estava lá: pais, irmãos, avós, tios e primos. Tinha gente de tudo quanto é jeito: gente pequena e gente baixa, gente gorda e gente magra, gente pequena e gente grande, gente mulher e gente homem. Mas o que mais chamava a atenção eram os cabelos: tinha cabelo curto, comprido,

alongado e aplicado, cabelo crespo, trançado, rastafári e alisado, cabelo natural e pintado. (ZATZ, 2007, p.20).

Os colegas ficaram impressionados e expressaram a beleza dos cabelos que desenhara. Manu consegue fazer um movimento de desconstrução em relação ao estereótipo criado em torno do cabelo do negro. Então, percebe que sua identidade é africana e passa a aceitá-la. Silva (2007) afirma que “Sem dúvida, construir uma identidade negra numa sociedade que historicamente ensina a negras e negros que, para serem aceitos, é preciso negar a si mesmos, o que é um desafio enorme e doloroso”.

O menino, ainda, sustentou: “Minha mãe é a melhor cabeleireira afro da cidade!” (ZATZ, 2007), o que revela que ele assumiu seu pertencimento a um grupo social de referência.

Algo semelhante ocorre no livro *Felicidade não tem cor* (2007), de Júlio Emílio Braz, narrado em primeira pessoa por uma boneca negra que se identifica e passa a contar sua história com o menino Fael: ambos sentem-se excluídos por terem a cor da pele diferente.

O menino negro é alvo de apelidos por um colega daquela instituição escolar e, ao ser instigado pela professora a escrever um texto, revela seu descontentamento com a própria imagem, uma vez que atribui a esta a causa das situações de vergonha às quais costuma passar diante dos colegas: “Foi aquela redação. É, foi sim. Começou com aquela redação que a dona Evangelina pediu pra todos fazerem” (BRAZ, 2007, p. 8), narra a boneca Maria Mariô. Fael lê em voz alta sua redação:

Eu queria ser branco. Seu eu fosse branco ia ser diferente. Todo mundo ia gostar da gente. Eu já falei pro meu pai que o Michael Jackson sabe como a gente faz isso. Papai achou engraçado. A mãe também. Disse que o Michael Jackson é bobo e chato, mas eu não acho ele bobo e chato, não. Ele foi é sabido. Agora que ele é branco todo mundo gosta dele. Nem implica com a gente. Ninguém diz coisa feia pra gente. Como é que a gente fica branco? Vou perguntar ao Cid Bandalheira. Ele tem um programa na Rádio Roda-Viva e só toca Michael Jackson. Ele até já deu o endereço do Michael Jackson pra gente, mas eu perdi. Vou pedir pra ele de novo. Eu quero ser branco. (BRAZ, 2007, p. 9-10).

A boneca, ao ouvir, conta que ficou com pena de Fael e comenta saber bem o que ele estava sentindo. “[...] Fael era negrinho como eu. É, eu sabia muito bem pelo que ele estava passando. (BRAZ, 2007, p.10). Diz, em seguida, que se sentia sozinha no fundo da caixa grande dos brinquedos, pois as bonecas loiras eram sempre as escolhidas pelas crianças. Na sequência, fala sobre o dia em que chegou naquela escola e foi recebida pela professora que disse: “ – Uma boneca preta?! Onde já se viu boneca preta?!”. E a partir daquele dia, ficava no fundo da caixa e só de vez em quando saía de lá, até que o menino passou a aproximar-se

dela e contar-lhe suas decepções com os colegas, principalmente com o Ramãozinho, que o chamava de vários apelidos, dentre os quais “Carvão” era o que mais lhe aborrecia.

O menino era filho de dois feirantes, que além de serem bons vendedores, eram também sambistas e “[...] seu Gilberto, orgulho da rua, era o diretor da bateria da escola de samba mais famosa do bairro. (BRAZ, 2007, p. 19). Dona Juliana sempre estranhava não ser chamada para reuniões na escola, pois Fael não queria que ela fosse, pois os colegas debochavam do fato de seus pais. Um dia, ele perguntou a ela:

- Por que a gente é assim, mãe?
- Ela não entendeu:
- Assim como, Fael?
- Tão preto...
- Dona Juliana apenas sorriu:
- Ué, eu não sei... Por quê?
- Ara, mãe, porque ninguém gosta da gente quando a gente é tão preto assim. Todo mundo fica dizendo coisas e mexendo com a gente...
- Ora, filho, eu...
- A senhora gosta de ser preta, mãe?
- Fael acabou vindo reclamar comigo:
- Sabe que ela nem respondeu... por que ela não respondeu, Maria? (BRAZ, 2007, p.21).

Sem resposta, continuava a falar com a boneca. Ela, sem poder ser ouvida, pensa que ser negro também pode ser bom: “Sei não. Eu não tinha nada contra ser branca, mas eu era pretinha e gostava. Ainda gosto. O difícil mesmo era pôr isso na cabecinha dura do Fael.” (BRAZ, 2007, p. 23). E faz uma série de reflexões: se ele ficasse branco talvez o chamassem de “branco azedo”, “leitinho”, “branquelo”. E se ficasse amarelo como um japonês, corria o risco de sua mãe não o reconhecer e de seus colegas o chamarem de “China” ou “Japa”. Sua pele podia ficar mais avermelhada e o chamariam de “Índio” ou algo assim. Se ficasse nordestino, poderiam chama-lo de “Paraíba”. Se a cor dele fosse verde, poderiam apelida-lo de “Gramá”. Se fosse laranja, seu apelido poderia ser “Laranja”. Continua:

- E se ser branco era bom, azul não seria ainda melhor?
- Afinal de contas, azul é a cor do céu e o céu era a primeira cor que eu via quando abriam a tampa da caixa de brinquedos. O céu é lindo.
- Eu estava pensando em aconselhá-lo (se ele pudesse me ouvir, claro) a se transformar num camaleão, daqueles que mudam de cor conforme o lugar onde está. Não seria uma má ideia. (BRAZ, 2007, p. 26).

Há, neste momento, um diálogo com outra obra da literatura infantil brasileira, *Bom-dia, todas as cores!*, de Ruth Rocha, que narra a história de um camaleão que acorda de bom humor. Porém, ao sair de casa para um passeio vê toda sua alegria acabar já que tenta agradar

a todos em busca da cor perfeita. O primeiro que ele encontrou foi o professor Pernilongo, que ao vê-lo foi logo dizendo:

- Bom dia, Camaleão! Mas o que é isso, meu irmão? Por que é que mudou de cor? Essa cor não lhe cai bem... Olhe para o azul do céu. Por que não fica azul também?
O camaleão, amável como ele era, resolveu ficar azul como o céu de primavera. (ROCHA, 1982, p.9)

Aos poucos, o Camaleão vai encontrando novos amigos animais pelo caminho. Cada um deles fica descontente com sua cor e ele vai mudando, conforme o pedido dos amigos. “Bastava que alguém falasse, mudava de opinião. Ficava roxo, amarelo, ficava cor-de-pavão. Ficava de toda cor. Não sabia dizer NÃO”. (ROCHA, 1982, p. 20). Quando voltou para casa, depois de seu passeio, o Camaleão estava cansado de tanto mudar de cor e se pôs a pensar:

- Por mais que a gente se esforce, não pode agradar a todos. Alguns gostam de farofa, outros preferem farelo... Uns querem comer maçã, outros preferem marmelo... Tem quem goste de sapato, tem quem goste de chinelo... E se não fossem os gostos, o que seria do amarelo? (ROCHA, 1982, p.31).

A insatisfação e a preocupação demasiada com a opinião do outro é algo bastante real em nossa sociedade marcada pela síndrome comportamentalista que padroniza a todos, ditando as regras do que considera bom ou ruim. Então, passa-se a excluir os que não se enquadram em seus parâmetros. O ideal de beleza e de “boa aparência” é fonte de violência e segregação. O Camaleão, ao final, compreende que precisa aceitar-se tal como é, sem preocupar-se com os ditames externos. “- Eu uso as cores que eu gosto, e com isso faço bem. Eu gosto dos bons conselhos, mas faço o que me convém. Quem não agrada a si mesmo, não pode agradar a ninguém...” (ROCHA, 1982, p.35).

A história de Fael segue e ocorre uma briga dele com Ramãozinho. Quando o pai fica sabendo, fala ao menino:

- Em preto todo mundo presta mais atenção – reclamou seu Gilberto. – Quando você faz uma coisa boa ou correta, não fez mais do que a sua obrigação. Quando erra, mesmo que erre pouco, todo mundo diz que nós somos assim mesmo, que não merecemos confiança e que não temos educação. (BRAZ, 2007, p. 32).

Neste momento, percebe-se que o pai revela que sabe de como é difícil conviver numa sociedade preconceituosa, ao mesmo tempo em que demonstra preconceito ao generalizar seu pensamento e achar que “todo mundo” age desta forma. Conforme a narradora,

[...] Parecia ter vergonha de si mesmo.
Pedi muito. Exigiu mais. Fael, pelos pedidos e conselhos, tinha que ser a própria imagem da perfeição.
Por quê?
Tinha que ser gentil e educado. Quando não pudesse ajudar, ficasse calado pra ninguém dizer que era burro. (...) (BRAZ, 2007, p. 32).

O menino negro decide, então, procurar o Cid Bandalheira para pegar o endereço do Michael Jackson e ficar branco como ele. Para isto, vai à noite até a escola para levar com ele sua companheira, a boneca Maria Mariô. Ela não queria mudar de cor, mas “Não adiantou nada. Ele nem me ouviu. Fechou a mochila comigo dentro e saiu da escola bem depressa.” (BRAZ, 2007, p. 36).

Para chegar até a rádio percorreu um longo caminho e, para falar com o radialista teve que driblar um guarda que ficava na entrada do prédio. Porém, ao ficar frente a frente com Bandalheira, teve uma surpresa: ele usava cadeira de rodas e era negro como ele. Foi então que aquele homem, numa longa conversa, mostrou ao menino que o mais importante era ele ser o que ele era, se aceitar e nem ligar para os apelidos – falou a ele o que a boneca havia pensado em dizer. Também, deixou o menino escolher músicas e avisou os pais do menino, que foram buscá-lo.

Maria conta o fato de que, após aquele dia, virou celebridade na escola e que todos os brinquedos queriam conversar com a boneca que havia sido sequestrada. Fael, do mesmo modo, ficou famoso por conhecer o Cid Bandalheira. “Todo mundo queria conversar com ele (...)” (BRAZ, 2007, p. 61).

Verifica-se, nesta narrativa, que o livro infantil, além de gerar prazer e descoberta, possibilita a discussão de comportamentos sociais ideologicamente dominantes. Conforme ROSEMBERG, 1985, o livro infanto-juvenil transmite princípios morais como se fosse um código de ética que irá normatizar a vida. Esta obra alarga a percepção do leitor quanto à compreensão da existência da diferença e da ajuda a lidar melhor com suas dificuldades.

Então, é através de uma narrativa impregnada de fantasia que pode-se discutir os comportamentos sociais ideologicamente dominantes, uma vez que, o livro infanto-juvenil tem uma postura didática e ensina muito, de modo a transmitir princípios morais por seus modelos de personagens (ROSEMBERG, 1985). Ainda, a temática condiz com um princípio e as histórias trazem a preocupação ética de normatização de vários aspectos da vida. Deste modo, o que se verifica nas obras é que:

Em suma, a sociedade brasileira largou o negro ao seu próprio destino, deitando sobre seus ombros a responsabilidade de se reeducar e de se transformar para corresponder aos novos padrões e ideais de ser humano, criados pelo advento do trabalho livre, do regime republicano e do capitalismo. (FERNANDES, 2008, p.35).

A literatura infantil brasileira aponta a dificuldade de adaptação do negro no processo capitalista, que deu sequência ao sistema escravista no sentido de continuar deixando o negro à margem da sociedade, uma vez que não teve condições de adequar-se ao nível de

qualificação exigido pelo mercado e que dava prioridade ao trabalho de imigrantes europeus, devido à cultura herdada pela escravidão brasileira.

Referências Bibliográficas

BRAZ, Júlio Emílio. *Felicidade não tem cor*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2002.

CANDIDO, Antonio. Crítica e Sociologia. In: *Literatura e Sociedade*. 8 ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. 5. ed. São Paulo: Globo, 2008.

GOMES, Nilma Lino. Uma dupla inseparável: cabelo e cor da pele. In: Barbosa, Lúcia Maria de Assunção... et al. *De Preto a Afro-Descendente: Trajetos de pesquisa sobre as relações étnico-raciais no Brasil*. São Carlos: edUFSCar, 2003.

IANNI, Octavio. *Raça e Classes Sociais no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ROCHA, Ruth. *Bom-dia, todas as cores!* Adaptada por Cristina Porto. São Paulo: Editora Abril, 1982.

ROSEMBERG, Flúvia. *Literatura infantil e ideologia*. São Paulo: Global, 1985.

SANTIAGO, Silviano. Meditações sobre o ofício de criar. *Revista Aletria*, 2008 - jul.-dez. - v. 18.

SILVA, Claudilene Maria. A Questão Étnico-racial na sala de aula: a percepção das professoras negras. In: Oliveira, Iolanda. *Negro e Educação 4: linguagens, educação, resistências e políticas públicas*. São Paulo: ANPED, 2007.

ZATZ, Lia. *Manu da noite enluarada*. 2 ed. São Paulo: Biruta, 2007.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 1985.